



Relevo

PARANÁ - JAN./2016 - ED. V - ANO VI

# Editorial

“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”, Belchior, em *Sujeito de Sorte*.

**4** ANDRÉ  
ROCHA

**9** RODRIGO  
MADEIRA

**11** ANDERSON  
GONÇALVES

**15** MARI  
QUARENTEI

**8** NARA  
VIDAL

**14** EMMANUEL  
SANTIAGO

**10** PAULA  
GABRIELA

**16** ZOE DE  
CAMARIS

**18** FABIO  
WEINTRAUB

**20** ANTONIO  
AÍLTON

**22** MARCELI  
MENGARDA

**17** ROSA  
MARIA MANO

**21** DANIEL  
FRANCOY

**19** PEDRO  
LUZ

**24** ELTÂNIA  
ANDRÉ

## expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-Assistente** Ricardo Pozzo

**Revisão** Mateus Bimbodoro

**Ombudsman** Ben-Hur Demeneck

**Projeto Gráfico** Marceli Mengarda

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3500

Edição finalizada em 21/12/2015.

## errata

Na edição de dezembro, grafamos de modo inadequado o nome de Leonarda Glück. Pedimos imensas desculpas pelo erro.

## ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de autoria do Igor DiCastro.

*quer ilustrar para o **RelevO**? escreva para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)*

## interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

## Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pokémon.

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

## prestação de contas dez/15

### ANUNCIANTES

**R\$ 50** Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Insight Coworking; Torto Bar; **R\$ 100** Editora Penalux; **R\$ 120** Escola de Escrita (total R\$ 570).

### ASSINANTES

**R\$ 50** Marleth Silva; Enio Vermelho Jr.; Joseani Netto; Cymara Scremin; Mateus Ribeyre; Marcelo Wilinski; Amanda Arruda; Whisner Fraga; Emerson Persona; Victor Amaral; Rosiane Freitas; Pedro Luz; Guilherme Ganem (total R\$ 650)

### CUSTOS

Assinaturas: R\$ 200  
Distribuição: R\$ 80  
Impressão: R\$ 1.000

Receita total: R\$ 1.220  
Custo total: R\$ 1.280

Balanço: -R\$ 60

## Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: "Como faiz?". Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

## da Enclave #26:

Chris Kluwe era um jogador de futebol americano na posição menos (ou uma das menos) prestigiosa do esporte, a de punter. O punter entra quando a campanha de ataque já falhou e o time deve devolver a posse de bola ao adversário com um chute como este, o qual há de ser o mais longo possível. É, normalmente, a hora em que os telespectadores aproveitam para ir ao banheiro ou pegar uma cerveja na geladeira. Kluwe fez boa carreira no Minnesota Vikings e era um dos jogadores mais queridos pelos torcedores. Ativista de direitos homossexuais e agnóstico, ele também é um exímio jogador de World of Warcraft (o twitter do menino é @ChrisWarcraft, inclusive) e baixista – claro – da banda Tripping Icarus. Um atleta incomum, para se dizer o mínimo. Outro fato importante: usava a camisa número 5.

Em 2011, os Vikings contrataram o veterano quarterback Donovan McNabb. Ele já havia sido um grande jogador: capitão e cérebro do ataque, levou o Philadelphia Eagles para o Super Bowl em 2004 e foi eleito para a seleção da temporada em seis oportunidades, mas estava (bem) longe de sua melhor forma ao chegar em Minnesota. McNabb também usava a camisa 5 – recentemente aposentada na Philadelphia – e tudo indicava que Chris Kluwe a cederia ao novo colega de time, um costume comum, dado que Donovan jogava em uma posição mais importante.

Geralmente, o jogador que deseja o número ocupado paga uma quantia em dinheiro pela camisa e fica tudo certo, mas claro que esse não seria o caso do punter esquisitão. As condições para

a troca foram: McNabb teria que doar 5 mil dólares para caridade, mencionar a banda Tripping Icarus cinco vezes durante suas entrevistas e comprar um sorvete para Kluwe, que passaria a usar o número 4. Donovan pagou o dinheiro à caridade, mas citou a banda apenas três vezes, e só foi pagar o tal sorvete cinco anos depois, segundo o próprio Kluwe, em um tópico no Reddit – sério, que cara legal.

A transferência acabou falhando miseravelmente. Antes do final da temporada, McNabb já havia sido cortado do elenco. No ano seguinte, Kluwe voltou a jogar com o número 5.

## Cartas do Leitor

### SÓ OUTROS AUTORES

**Andrei Ribas:** Tenho recebido, sem ter assinado, o **RelevO**. Como não assinei e muito menos sai contribuições minhas no periódico, só outros autores, favor não enviá-lo mais. Grato.

DA REDAÇÃO: *Você tem razão, Andrei. Por alguma falha logística, nós realmente te mandamos exemplares nos últimos três meses, período que curiosamente você também não foi publicado, só outros autores. Isso não irá acontecer mais (de você receber exemplares indesejados). Desculpe-nos pelo transtorno.*

### MELHOR CARTA

**Nícolas Carvalho:** Olá, meu nome é Nícolas. Estou no Ensino Médio e sou leitor assíduo do **RelevO**. (O primeiro exemplar que eu encontrei, e encontrei na Biblioteca Pública do Paraná, eu encontrei justo quando meu interesse por literatura tendia cada vez mais à poesia; o **RelevO** me iniciava, então, em uma nova trajetória como leitor. Acabei por me criar uma relação especial com o ele. E por isso). Me incomoda ver a todo mês que o jornal trabalha contra o vento, sempre com a possibilidade de deixar o meio impresso. (Não é difícil imaginar como o cenário também me fez romantizar o trabalho de vocês: literatos e destemidos, lutando para publicar um mensal mais de arte que

sobre arte, fundamental diferença, indiferente ao eventual prejuízo mensal.) Pensei em assinar o jornal; não o assino por falta de meios e prioridades. Apesar disso, imaginei se não haveria outro modo de ajudá-los que não financeiramente. Quero saber se não existe algo que eu possa fazer, gratuita e por tanto informalmente, para incentivar o **RelevO** em seu fim. O trabalho de vocês é único pra mim em seu conteúdo e sua coragem. De novo, obrigado!

DA REDAÇÃO: *Mil corações sobre mil corações.*

### DEZEMBRO GENITAL

**Luciana Cañete:** Aparece um aviso de conteúdo impróprio pra menores ou algo assim na edição online.

DA REDAÇÃO: *Bem tipinho do Issuu.*

**Jandira Zanchi:** Engraçado, fui pegar o jornal na BPP e ele não estava em cima do balcão. Mas, consegui um exemplar... Quer dizer, tinha exemplares do jornal na biblioteca. Só não estavam expostos da maneira usual.

**Monique Portela:** Que perigo.

DA REDAÇÃO: *Monique, a assinante mais preocupada com a integridade física-psicológica de nossa equipe.*

**Severo Brudzinski:** Coragem é fundamental. Saúde e fortuna!

**Yury Miyamura:** Genial. A obscenidade, de fato, está "aquí fora", todo dia. Na publicação, ela pertence apenas aos olhos de quem a vê.

**Fernando Nolasco:** *Os puritanos piram!*

### LIEBE LEUTE

**Joana Liebe:** Eu e meu marido conhecemos o trabalho de vocês recentemente e estamos completamente apaixonados! Parabéns aos envolvidos.

## próxima edição

Mateus Juzé  
Stefano Calgaro  
Alameda Princesa Izabel  
Um peixe

ANDRÉ ROCHA

# Cinzeiro amanhecido.

essas avenidas sedentárias  
de travestis, sinais amarelos piscando  
abraços despedaçados e garotas bonitas  
olha no retrovisor  
não me chama de amor  
seu decote cala minha boca  
espero sua chama acender  
e você me chamar  
de pernas abertas  
temperada no calor  
das 2 da madrugada  
e amanhã quando acordar  
depois do almoço  
vou querer te dar um cheiro  
talvez eu derreta com seus chamegos de mulher  
nas suas tetas morenas  
abraçe sua dor  
e mastigue seu clitóris  
até você gozar escandalosamente na minha língua  
pra debochar depois  
quando meu pau estiver mole  
e inventar motivos pra me odiar  
jurar pelos seus pais  
nunca mais voltar.



# Ben-Hur Demeneck

## O preço da ousadia

A capa de dezembro do **RelevO** fez com que alguns pontos de distribuição boicotassem a edição. A plataforma de digitalização de impressos ISSUU também censurou o conteúdo. Ela impôs um limite de idade para os usuários.

O episódio é exemplar para questionar as fronteiras entre experimentalismo e sensacionalismo, e para perguntar como se forma o “pacto” entre público, distribuidor e meio de comunicação.

Não que a capa de dezembro seja escandalosa. Não que seja destituída de conceito. Não que uma vulva (ou a sugestão dela) não seja algo tão lindo de se admirar como a paisagem do Grande Canyon ou que não seja tão misteriosa como fazer um passeio pelo Vale Sagrado dos Incas, partindo de Ollantaytambo. Nada disso.

A vulva está para a cotidiano como dunas estão para o vento. São paisagem, mas também movimento que compõe a geografia humana. A ilustração de Gustavot Diaz, quando elevada à condição de imagem da capa, dá a cara da edição – premia a ousadia à custa do consenso.

Paga-se o preço de lidar com um tema tabu de modo tão aberto. Quando um ponto de distribuição recusa receber o material, parece que algo se quebrou no pacto editorial entre veículo e aquele conjunto de leitores que iam àquela localidade pegar sua edição do mês e que deixaram de ter acesso a textos altamente vibrantes como “Coitus interruptus”, “Mulher é tudo louca”, “Amor Inconsútil”, “As Fantasias Eletivas (trecho)” e ao ensaio fotográfico feito por Ricardo Pozzo.

Os pontos que recusaram a edição provavelmente foram os mesmos que receberam as edições de junho e agosto deste ano, ambas com alta voltagem erótica. A primeira com fotografia de Isabella Lanave (R.U.A.

Foto Coletivo) e a segunda com ilustrações de Maria Lima.

O olho da capa do **RelevO** de dezembro lembra o LP de Tom Zé, chamado “Todos os Olhos” (Continental, 1973). A capa resultou de uma parceria com Décio Pignatari e Reinaldo Moraes e faz parte da iconografia dos anos de resistência à ditadura. O troféu de quem bolou a capa cifrada e, naqueles anos de tantas indiretas, era afrontar o moralismo (e a hipocrisia).

A imagem em questão resultara de uma sessão fotográfica feita a partir de vários *closes* de uma bolinha de gude equilibrada num ânus de uma moça. Há versões que contam até que, apesar das sessões, o que acabara entrando na edição final fora um lábio que imitara a mucosa supracitada. Não importa. O troféu era fazer essa camuflagem para que os iniciados a reconhecessem no jogo de palavras com “olhos”.

Em termos estéticos, poderíamos falar que a capa de dezembro peca por tornar explícito algo cuja sutileza tem um poder expressivo superior. Afinal, em arte, faz parte da interação as pessoas “acabarem” a obra. Se o interesse é ser experimental, deixar o leitor alijado desse processo, no limite, pode parecer mais “vontade de aparecer” e “pretensão de chocar”, do que instaurar uma provocação no olhar.

A capa de dezembro provoca e, enquanto experimenta, anda na linha suave próxima ao sensacionalismo. Por outro lado, pode representar uma guinada editorial em busca de fortalecer a cumplicidade com leitores cativos. Para um segmento dos leitores, mais identificados a questionamento frontais, pode ser uma oportunidade de vínculo, de empatia inéditos. Nosso desejo para 2016 é que os pontos de distribuição do “boicote” reconsiderem sua posição. Os leitores não merecem ter que ir mais longe para pegar sua edição de janeiro, fevereiro e março

para ler o jornal mais provocador da nova literatura brasileira!

## O nome da autora

O **RelevO** trocou o nome de um colaborador. Agravante: identificou um transexual por um nome masculino em edição dedicada à diversidade sexual.

Em primeiro lugar, um jornal não pode errar nome dos seus colaboradores. Trata-se de um erro crasso. Em um jornal literário, a revisão de um nome deve ser tão minuciosa quanto o das regências e das concordâncias. Se for um nome cheio de consoantes, nesse estado marcado pela imigração eslava e por sua alcunha fantástica de “Rússia brasileira”, eu não criticaria quem contasse as letras e rabiscasse uma após a outra na conferência final. É que o patrimônio do autor é seu nome e suas circunstâncias.

Em segundo lugar, não basta “corrigir” o nome de alguém que optou por trocar de nome por sua condição de gênero. Por eu não saber o que sugerir, optei por entrar em contato com um especialista em gênero e política, o professor universitário Almir Nabozny, que é doutor pela UFRGS e professor na UEPG. Após um tempo de conversa, ele esclareceu que um dos problemas mais comuns a transexuais seria o contraste entre o seu corpo feminino e um nome masculino em situações públicas. Exemplo comum seria quando um médico o chamasse de tal maneira numa sala cheia de pacientes, causando um constrangimento desnecessário. Ou de quando se vai a banheiros de estabelecimentos comerciais e a prédios públicos. Luta pela qual Laerte Coutinho tem feito grandes batalhas.

Por outro lado, não se pode perder a visão ampliada do episódio. Um jornal que se preocupa em tratar da diversidade de gênero, em dar voz

em que a vive, é uma publicação que está disposta em corrigir seus erros. Portanto, merece todo o nosso respeito. O azar é que tal deslize faça tanta diferença. Talvez a lição a se tomar é que em casos em que a representação se torne tão importante quanto o texto em si, convenha pedir assistência a quem esteja mais ligado à temática para supervisionar a página finalizada. Seria um modo de contornar a complexidade do tema para quem não tem familiaridade com assunto (até por isso é que eu, como representante dos leitores, busquei um estudioso).

Como canta o grande trovador de São Miguel Paulista Edvaldo Santana – “errar é consequência do que pode ser mudado”. Portanto, tal erro é antes uma tentativa de fazer certo: abrir espaço a vozes que aparecem pouco, mas que integram a diversidade de nossa sociedade. Em termos de reparar simbolicamente o que houve, a sugestão do professor Nabozny seria convidar a autora para se manifestar ficcionalmente sobre a importância dos nomes masculino e feminino em quem vive a condição transexual. Fosse uma autoficção ou ficção completa, não importaria. Fica a sugestão ao editor e à autora.

## Autocrítica

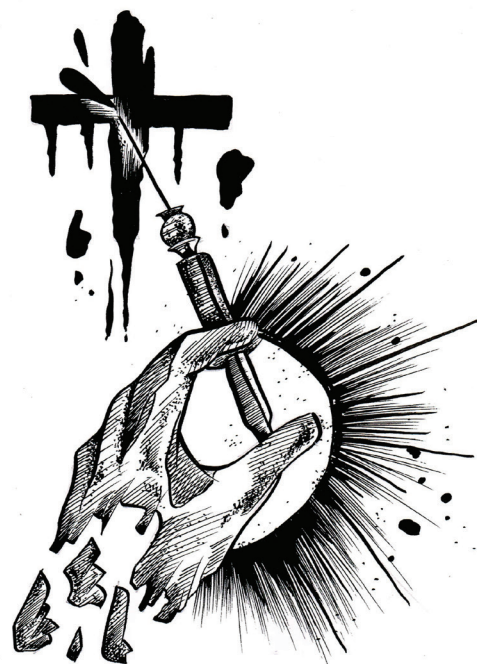
Na última coluna faltou eu enquadrar melhor a minha explicação de citar Ailton Krenak e outros expoentes da literatura dos povos originários. Ficou assim solto, sem a devida contextualização, a ponto de parecer até que Krenak havia escrito na edição prévia. No entanto, tratava-se de uma sugestão de nomes para nos aproximarmos do pensamento e da experiência de autores que, mais que sua visão pessoal, apresentam uma visão de etnia e de nação existentes desde antes de Cabral sonhar em ser marinheiro. Prometo ser mais cuidadoso na próxima coluna.

CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



Editora **Kotter**

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO  
ARAUCÁRIA-PR

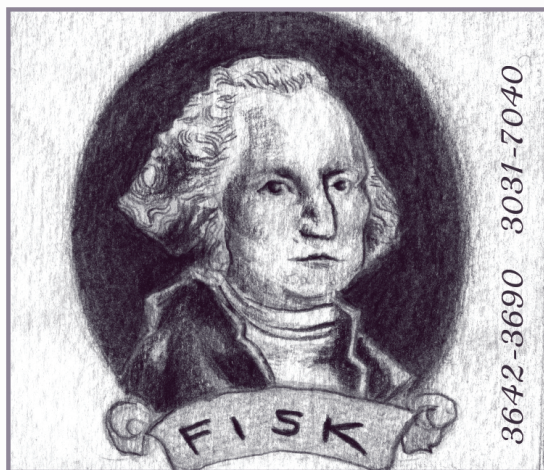


Farmácia *Elkeforma*

Luiz Otávio Prendin Costa



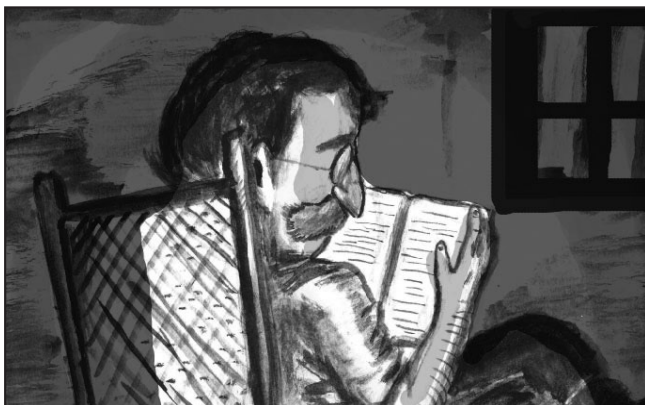
AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo - livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais: [originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Aqui, a escrita não é só um braço. É o corpo inteiro.

Esc. Escola de Escrita. 41 3114-7100; contato@escoladeescrita.com.br; escoladeescrita.com.br

Imaginação a vista!!!!!!!

INSIGHT  
LIVROS ARTESANAIS

RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 522 (41) 3092-0480  
FACEBOOK/INSIGHTCOWORKING COWORKINGINSIGHT.COM.BR

**ESTAÇÃO BRASIL**

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANA | AM 630  
DOMINGO | 13H

otarto BAR

**LOTERIAS AVENIDA**

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

Fábio Tokumoto/Carol Zanclatto

3031-2357  
9663-7557

Juélia  
amor

AMO RIM ILUSTRAÇÃO

(41) 9947 8252

Allejo  
.COM.BR

Alan Amorim



LIVROS | VINIS  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanclatto

NARA VIDAL

# Cecília

Era eu. No reflexo do vidro era eu. Meu cabelo era uma juba bem cuidada, meticulosamente bagunçada, com cheiro de flor quase murcha não fosse por mim mesma a injetar-me de água, na tentativa de evitar a tragédia que é a morte plena. Morrer aos poucos ainda é alguma vida.

Passei os olhos discretos pelo vagão. Um homem me chamou a atenção. Meio careca e já suado às oito da manhã. Traços finos, nariz agradável. Será que ele me queria?

Passava dias pensando se alguém ainda ia me querer. Rodopiei os olhos ainda e vi um homem bonito. Tenho horror a homem bonito. Gosto de beleza em esculturas, quadros, não em homem. De certo eu era velha pra ele, mesmo que ele não tivesse menos de cinquenta anos. Notei a mulher que deveria ser tão invisível quanto eu. Quis beijá-la, mas seria por pena.

Voltei os olhos para o homem meio careca. Ele lia literatura barata. Incomodou-me o meu desprezo. Se eu fosse menos esnobe, talvez meu marido notasse que eu tinha um mar nos olhos, que eu tinha uma boa estrutura óssea.

O homem meio careca notou que eu me via no reflexo. Eu jogava os cabelos pros lados na tentativa de um bom ângulo. Ele sorriu. Eu apertei os olhos. Enrubesci. Aquele homem não sonhava com uma mulher feito eu. Eu era tanto pra ele, e assim mesmo estava disposta a levantar a saia e mostrar meu mundo pra ele, pro homem meio careca.

Não trocamos telefone e nem um segundo olhar. Estive viva. Ninguém precisava saber disso. Agora precisava voltar a morrer. Depois do trabalho a volta pra casa me esperava.

-----

Não sei se já falei sobre esse dia impressionante. Minha memória anda falhando.

Estava invisível há umas duas horas.

Tinha esquecido a toalha no quarto e precisei andar pelada até a cama, cortando a sala pelo meio. Acabei cortada pelo desprezo no olhar do marido. No quarto, encarei um espelho que cobria quem era dos pés a cabeça. Era enorme o tamanho da minha humilhação. Pensei bem em como fazer o caminho de volta ao banheiro. Talvez nem precisasse. Tinha roupas ali no quarto. Mas quis. Andei lentamente e adentrei a sala. O marido esticou a cabeça, evitando a minha imagem sem roupa no meio do seu caminho. Era um jogo de vôlei. Eu me desculpei e apressei o passo. No banheiro, enrolei-me na toalha e no perfume caro. Tinha ganhado aquele frasco há uns quatro anos, quando viajamos pra Campos do Jordão. Usava só em ocasiões. O vidro cheio mostrava a tragédia. Cortei de novo a paz do marido. O rastro do cheiro caro não fez o homem mover uma ruga do rosto gordo e velho. Lá do quarto eu via a ponta da barriga dele. Eu reparava aquele homem. Sabia das suas mudanças. Aprontei-me. Camisa branca de linho caprichada com um

colar que, feito cascata, me deixava com ar de primavera. O colar também tinha sido presente. Aniversário de casamento de dez anos. Aquilo já tinha umas duas décadas. Coloquei o batom. Eu era uma boneca. Passei pelo marido. Anunciei que ia comprar leite. Ele pediu cerveja. Num último espanto, parei na porta de saída e olhei aquele homem, que nem sabia mais quem era, não desgrudar os olhos do jogo. Brasil ganhava de dois sets a zero do Japão. Quem se importa? Fui embora sem ar e cheia de determinação a encontrar alguém que notasse o vinco na camisa de linho, o colar. E depois de perceber tamanho capricho, soltasse tudo aquilo de mim, me dando a honra da desonra. Voltaria pra casa e com sorte, o jogo nem teria terminado. A cegueira é um sinal dos tempos. Ficamos velhos e não enxergamos mais. Nem tudo vai morro abaixo. Não ver mais nada é uma conquista. Não arrancaria isso do meu marido.

-----

Surpreendi-me com uma faísca no chão bem na saída do metrô. Meus olhos, felizes, vazios no anseio da cheia, foram ver o brilho de perto. Pronto, a morte certa. Era a chuva que molhava um chiclete grudado no concreto. O dia seguiu conforme era preciso.

Meu marido me espera em casa. Tem meias cerzidas, unhas bem cortadas, sapatos brilhantes. Nãoconsigomaisolharseurosto.



# Ode à redondilha menor

RODRIGO MADEIRA

*O cu é oco, o cu é o cu  
O cu não é oco, o cu não é o cu  
apócrifo*

Curió canoro  
flor de cheiro escuro  
lateja lateja  
decalcada ao mundo  
empinada ao céu:  
– Ah, como ela trina!  
feito uma ave suja  
ou flor funda no  
mármore da bunda  
relutantemente  
se abrindo ao cinzel.  
flor de cheiro escuro  
lateja lateja  
decalcada ao mundo  
empinada ao céu.

Fala, ó pau do Lácio!  
– E a luva da vulva?  
– Mesmo veio e curva  
mesmo lombo ao léu.  
Fala, ó pau do Lácio!  
Falo já brincando  
nessa flor que vai lasseando\*  
ex-botão em viços  
olho assustadiço  
inverso broquel.  
Decalcada ao mundo  
fosso fundo (afundo!)

flor de olor ambíguo  
empinada ao céu:  
em lugar de pétalas  
uma flor de pregas  
e ao langor do látego  
néctar de anteorgasmos  
algemas de mel...

Canta furibunda  
urra nas canções  
(carne crua em festa  
furo das girândolas)  
canta sob o ferro  
ferida e remédio  
fúria dos culhões...

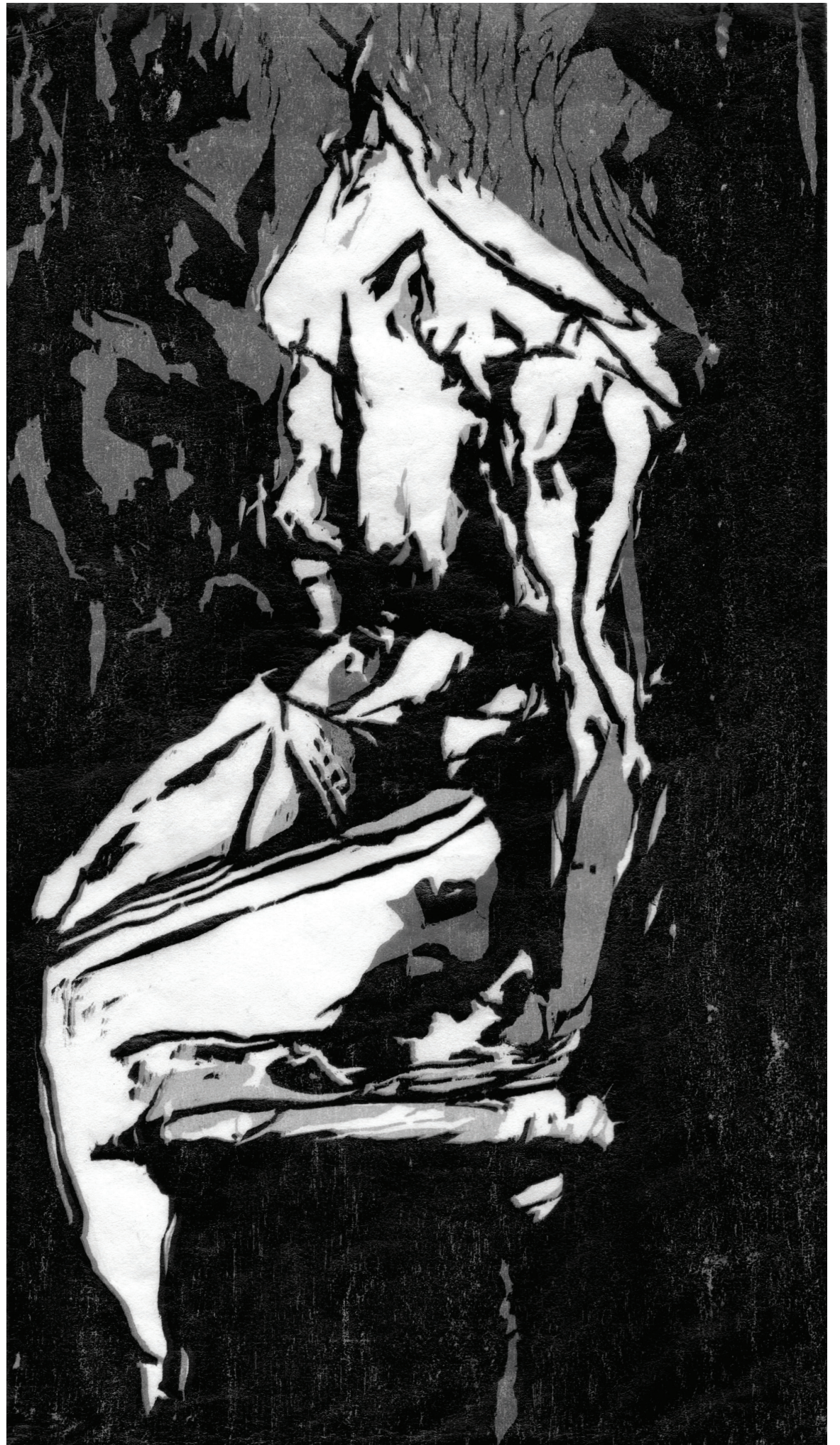
E enfim desbeijada  
cai de cama, murcha  
recolhe-se à bunda  
(ao nada de nádegas  
arre, vida flácida!)  
flor feinha ou ave  
flébil das paixões.

\* *Lasseada, é claro, a redondilha fica maior. (N.A.)*

# Taça

PAULA GABRIELA

E gritava no eco de meu latíbulo,  
assim tão cedo não perdoo tua mácula!  
Covardia, tu és causa da alcoólatra,  
de todas as marés e desta úlcera.  
Por isso me tirastes de teu cânone?  
E no fundo da taça nada efêmero:  
me fiz e refiz em teu amor míope  
e esse retornou ao pó em vórtice.  
Em nosso amor frágil tu fostes déspota.



# A próxima canção

ANDERSON  
GONÇALVES

Quando era pequeno, um dos objetos mais fascinantes da casa da minha avó era um rádio antigo, daqueles com aparência de madeira, grandes botões, popularmente chamados de “caixões de abelha”. Não me lembro de tê-lo visto em funcionamento, mas somente o visual daquele aparelho gerava uma imponência, sabia que deveria manter com ele uma relação de respeito, resistir à tentação comum das crianças de mexer em botões tão tentadores.

Durante a adolescência, quando achava que problema era ter uma nota vermelha no boletim, passava tardes inteiras com o rádio ligado, esperando ansiosamente qual seria o primeiro lugar das “mais pedidas”. Era mais ou menos a mesma época em que colecionava fitas cassetes com hits gravados das emissoras, quando era comum ouvintes fazerem pedidos “para gravar”, garantindo aquele intervalo de preciosos segundos para apertar o rec.

Todo esse preâmbulo nostálgico foi para ilustrar a relação fraternal que sempre mantive com o rádio. Não falo apenas da música em si, mas do rádio, aquele que você liga, seleciona um número de frequência e é obrigado a se submeter aos desejos e caprichos de pessoas que você nem conhece. Uma relação quase ditatorial, do tipo “eu escolho a música que você vai ouvir, na hora em que eu quiser”. Uma espécie de masoquismo, podem pensar.

Entre a época dos meus avós e os dias atuais, a relação das pessoas com a música virou de

ponta-cabeça. Vieram as internets, Napsters, celulares e Spotifys, que deram alforria total ao ouvinte, autonomia para serem os próprios DJs, selecionarem cuidadosamente o que ouvir, na ordem que achar mais conveniente, pulando aquelas canções chatas e dando um repeat nas melhores. “Não precisamos mais que vocês, velhos ditadores, imponham seu gosto musical decadente!”, bradávamos.

Acontece que, por mais independência que eu tenha, há uma satisfação de que sou incapaz de me proporcionar: surpresa. Posso preparar uma lista só com minhas músicas favoritas para ir ouvindo de casa para o trabalho e ter satisfação garantida por todo o trajeto. Mas de que vale satisfação sem aquelas chamadas pequenas alegrias do cotidiano?

Eis que no meio da caminhada você é pego pelos acordes de “Once in a Lifetime”, do Talking Heads, e tem vontade de comemorar como se fosse um gol. As chances são as mesmas de dobrar a esquina ao som de um Nickelback e ter vontade de desligar o rádio. Mas eu não desligo. Porque, afinal de contas, que seria de nós sem a frustração? Até tenho apreço por algumas rotinas (ler o jornal no café da manhã, por exemplo), mas ter incertezas também é necessário. Mesmo que sejam os poucos segundos que separam uma canção da próxima.

*Originalmente publicado em  
www.gazetadopovo.com.br*



# Resoluções de ano novo do Jornal Relevô



- a. Não errar o nome dos autores, autoras, autorxs e possíveis animais de pequeno porte;
- b. Suprimir intencionalmente a última frase de todos os textos de uma edição e esperar o caos de braços abertos, como num cartão postal;
- c. Fazer uma edição Complete Aqui, cheia de lacunas, para o leitor pós-moderno escrever o que ele quiser e interagir com a obra aberta;
- d. Uma edição sem o nome dos autores, autoras, autorxs e possíveis animais de pequeno porte;
- e. Cancelar a distribuição de rua e enviar a edição somente para quem foi publicado, pois a gente só lê o nosso texto mesmo;
- f. Acrescentar a palavra relevante no meio dos textos por uma questão de marketing e esperar os autores perceberem, não sem antes bloqueá-los em todas as redes sociais;
- g. Site com todos os textos dos aut...;
- h. Evitar o pecado e os vícios da carne;

- i. ISSN;
- j. Não se frustrar se o ISSN não ficar pronto em 2016. A bandeira do jornalismo cultural independente é o que vale;
- k. Errar todos os números da Mega da Virada;
- l. Praticar o poliamor;
- m. Praticar o amor romântico;
- n. Ir a motéis somente pela banheira;
- o. Ir a eventos literários somente pela comida;
- p. Escrever uma fanfic de esquerda;
- q. Tomar os remédios do Pondé na hora certa;
- r. Evitar saraus com gente vestida;
- s. Conhecer Itaiópolis;
- t. Evitar a sodomia com desconhecidos;
- u. Nomear um peixe beta de Benedito Fróscolo Jovino de Aimbirê Militão de Souza Parvel de Itaparica Boré Fomi de Tucunduva Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico Mengarda;
- v. Arranjar um novo revisor;
- w. Organizar um evento de lançamento de livro sem publicar nada e ninguém perceber;
- x. Uma exposição interativa com as melhores resenhas feitas a partir de dejetos de gatos e peixes, além de uma mostra-dilema “Os jornais reutilizados em pinturas de parede continuam sendo jornais?”
- y. Resenhar somente livros de haikais ou só de amigos;
- z. Criar um novo gênero literário que mescle cardápios e regulamentos da vigilância sanitária e validá-lo (porque se um jornal literário disse, quem são vocês para duvidar?)
- z<sup>2</sup>. Validar um autor que não existe. Promover críticas dos livros dele (dois) e só contar em dezembro.

# As sobras de Eurídice

EMMANUEL SANTIAGO

Estou chapado  
e as coisas perdem  
seus contornos opacos,  
e luzem límpidas, quase  
obscenas, como hieróglifos  
de neon. A noite torna-se  
nítida; sua ácida nudez  
dissolve minhas pupilas

(dois  
comprimidos  
efer  
ves  
ce  
nt  
e  
s)

e os rostos  
na rua, antes  
máscaras de cera,  
agora escancaram  
seu gume irônico,  
sua parda  
melancolia.

Em seu negror,  
o asfalto  
desdobra-se  
em inúmeras  
nuances, feito

as plúmbeas  
plumas  
de um pavão  
sombrio —  
do nanquim  
ao violáceo.

Cor de âmbar,  
a lua mais parece  
uma pêra madura  
e oxidada, prestes a  
apodrecer, e as estrelas  
zunem em alta velocidade,  
traçantes estilhaçando  
um céu de vidro fumê.

Meus passos me desperdiçam  
na multidão de sombras  
que perseguem um delírio  
barato. Sou o espectro  
de um Orfeu trucidado  
por sedentas  
sacerdotisas  
desdentadas.

Todos os caminhos  
levam ao labirinto,  
pois labirínticos  
são os desígnios  
de um Deus insone  
que escreve torto  
por ruas absurdas,  
sem geometria.

Minha pele arrepia,  
veludo incandescente;  
atravesso a madrugada  
feito um incendiário.



## MARI QUARENTEI

ouço a chuva  
são como ordens do pai

o sono  
um abismo de náuseas

correm beijos  
entre  
as pernas

um rio

tantas portas

são

*luz*

e

delicadíssima  
a neve  
dos  
... *seios*

ZOE DE CAMARIS

# Aos raios-violeta dos seus olhos, uma tábula ultraimperfeita

## **ESTRELA NEGRA I**

Nem tudo que acontece no céu espelha-se na terra;

## **ESTRELA NEGRA II**

Um diamante (1+34 zeros!) há 50 anos-luz é contido num porta-jóias do tamanho do Sol;

## **ESTRELA NEGRA III**

Vi num telescópio no Havaí. Abdell 2218 desviou e amplificou suas luzes em minhas lentes gravitacionais;

## **ESTRELA NEGRA IV**

Só uma esmeralda pura viceja sem jardins – quente seca fria úmida. Paisagens possíveis, deus do fogo. Folgo em sabê-lo;

## **ESTRELA NEGRA V**

Saúdo a beleza. A existência de duas imagens indica fenômeno em órbita. Spin dois. Marcho abstrata. O mês é Março.





## ROSA MARIA MANO

O viço é melhor por dentro. Onde não chegam o grito alado de negro, o cheiro da comiseração, os estalidos do céu quando desaba.

Fogo que me alimenta ferve os rabiscos da vida. Junta os fantasmas em volta, bailado do coração.

As salamandras são minhas. Cúmplices do fogaréu do meu hálito. Ardidas sementes, verão brotar um punhado de rosas incandescentes.

FABIO WEINTRAUB

# O Céu que nos protege

tira o penhoar e vem arrastar  
os pés fora do quarto  
parou de chover há pouco  
o céu sujo nas poças

a vizinha de andador  
te aguarda no meio da quadra

com bico de papagaio  
eternamente curvada  
ela só sabe do céu  
por caridade das poças

amanhã não caminharemos  
fará frio ou calor  
e fecharão a calçada  
(da varanda contígua  
alguém terá se atirado)

mas hoje é nosso o passeio  
seguimos no arrasta-pés  
lentos, desincorporados  
entre estilhaços de céu

# Dasein em resgate: a busca por dias existencialistas

PEDRO LUZ

Martin Heidegger, ao escrever sobre o papel do ser no mundo, sob a ótica das leituras acerca do termo angústia, de Soren Kierkegaard, chega a uma conclusão que, de uma forma ou de outra, já havia sido explorada pelos antigos gregos: nossos medos, nossas inseguranças e fracassos se devem em grande parte ao fato de que a existência em si nunca foi uma opção. Em outras palavras, somos "jogados" no mundo, a despeito de qualquer manifestação de vontade ou controle real.

Assim, nosso primeiro momento vivente não é fruto de uma escolha pessoal, mas sim de um caos fino da natureza, vacinado por uma dose de incerteza e incredibilidade. O efeito de "cair" em vida, então, é potente ao ponto de atordoar o entendimento de alguns por toda sua jornada terrena; aqueles que, sem motivos específicos, libertam-se das amarras da maldição *a quo* e atingem a compreensão de sua própria existência – não quanto a suas finalidades e objetivos, mas apenas entendem o existir como condição própria – usufruem do *dasein*.

O mistério da existência, segundo o autor, não deve ser ignorado, e sim rememorado tanto quanto possível. É claro que, ao que parece, a competitiva vida contemporânea freia qualquer

ímpeto crítico casual, quem dirá existencialista. A luta diária é pela própria subsistência, "nó gordio" da transmodernidade, como evoca Enrique Dussel.

A denúncia de Heidegger, no início do século 20, parece ter adquirido nova roupagem com as transformações tecnológicas. Nem o filósofo mais idealista poderia prever os nefastos efeitos da revolução informacional em nossos relacionamentos, ora intrapessoais, ora extrapessoais.

Os vínculos virtuais – *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e afins – servem, portanto, como instrumentos automáticos de sociabilidade, objetivados na tentativa vã de apaziguar a aguda solidão que sentimos, decorrente de um mundo que prega a perfeição para seres imperfeitos.

Diante disso, nossa defesa básica é a clausura dos ilusórios *likes*, cujo sentido perdeu-se há muito. Prova disso é que, quando uma notícia triste se espalha na internet, muitos paladinos das redes sociais mergulham em contradição ao ponderar se "curtir" uma tragédia não poderia ser mal-interpretado.

O *dasein*, como compreensão de existência própria, necessita

urgentemente de um resgate; hoje, poucos momentos propiciam tal prática existencialista: noites de insônia, funerais, contatos com a natureza, entre outros, são panos de fundo apropriados para esse estranhamento, infectado, quase sempre, com um sentimento de desolação. Presentes e insuficientes.

Exercitar essas reflexões não pode resultar em uma sensação de impotência. Deve, por outro lado, servir de bússola para nosso comportamento futuro, a fim de que haja um juízo pessoal quanto à importância dos acontecimentos em nossas vidas. Ora, se a própria existência nos escapa, os fatos decorrentes dela não devem ser encarados com tanto sofrimento.

Isso nada tem a ver com a constatação de um relativismo frouxo niilista, pautado por um marasmo acrítico, mas sim entender que se minha existência no mundo é um evento impessoal, o conjunto de vivências não nos pertence.

Por fim, cito um brilhante pensamento do filósofo que inaugurou esse breve esforço existencialista, carregado de tons proféticos e, em certa medida, consumados:

“Quando a tecnologia e o dinheiro tiverem conquistado o mundo;

quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível com rapidez; quando se puder assistir em tempo real a um atentado no ocidente e a um concerto sinfônico no oriente; quando tempo significar apenas rapidez; quando o tempo, como história, houver desaparecido da existência de todos os povos, quando um esportista ou artista de mercado valer como grande homem de um povo; quando as cifras em milhões significarem triunfo, – então, justamente então – reviverão como fantasma as perguntas: para quê? Para onde? E agora? A decadência dos povos já terá ido tão longe, que quase não terão mais força de espírito para ver e avaliar a decadência simplesmente como... Decadência. Essa constatação nada tem a ver com pessimismo cultural, nem tampouco, com otimismo... O obscurecimento do mundo, a destruição da terra, a massificação do homem, a suspeita odiosa contra tudo que é criador e livre, já atingiu tais dimensões, que categorias tão pueris, como pessimismo e otimismo, já haverão de ter se tornado ridículas.”

**Martin Heidegger** (1889-1976), em *Introdução à Metafísica*

ANTONIO AÍLTON

# Meursault come tomates

hoje mamãe morreu  
acho que foi ontem  
acho que fui eu

chuto latinhas no entardecer  
mijo ferrugem no sistema  
essas coisas

mato um nordestino  
foi o sol  
os árabes é  
còs norteamericanos

acho que vou fritar  
uns tomates  
arroz com cheiro verde é bom  
pra ficar pálido

recebo um telegrama  
de Guy Debord  
“para Feuerbach, o cúmulo da ilusão  
fica o sendo o cúmulo  
do sagrado”  
foi engano, certamente  
meto a mão no saco de farinha

insetos rondam minhas lâmpadas  
que merda o canal 10  
está fora do ar  
(acho que vou sair  
para comer umas gatinhas)

parece lindo ser feliz  
se os bondes ainda existissem  
eu seria um cara romântico?  
p...  
onde vou encontrar flores  
uma hora dessas?



DANIEL FRANCOY

# RODOVIA CÂNDIDO PORTINARI

## 1.

Quilômetro 1: os homens  
jogam bola aprisionados.  
Quilômetro 2: cuida-se  
de passarinhos diz  
a placa meio escondida.

## 2.

O lavrado campo de cana  
é plano e amarelo.  
Os lavradores assinalando o horizonte  
são sombras magras na distância lúgubre  
com uma leveza de pássaros negros:  
campo de trigo com corvos  
e os abutres que planam  
tão perto do sol ofuscados incinerados  
que no súbito voo descendente haverá  
quem pranteie a queda de Ícaro.

## 3.

Repete-se o campo de trigo  
com corvos com homens  
no lugar dos corvos.  
Na contraluz ontem eram  
os lavradores no canavial.  
Hoje foram os cárceres  
roçando a relva bronze.  
Um deles – chapéu de palha –  
parou o trabalho, olhos  
no ônibus a desembarcar  
as suas mulheres e crianças  
também elas transformadas  
em corvos em voo cego e raso.  
Com o chapéu de palha, parecia  
o holandês em autorretrato:  
os olhos feridos, lúcido, mutilado.

MARCELI MENGARDA

# Missão

Tirar a massa de pão pouco firme do meio dos dedos ficava mais fácil quando ela enfiava a mão com vontade no saco de farinha. Esfregando o dedo indicador ritualisticamente no espaço entre os dedos da outra mão, esfregava bem uma mão na outra e sovava a massa com vontade, tentando dar firmeza à mistura de água e farinha e limpar melhor os dedos nesse processo. A mãe tinha feito recomendações expressas: depois de amassar um pão caprichado, ela ainda tinha que buscar dois litros de leite na vizinha, preparar o quarto de visitas e passar a roupa de cama – lençóis brancos e aquela fronha bordada azul bebê que tinha sido presente de casamento dos pais trinta e cinco anos antes e, guardada só para ocasiões muito especiais, tinha que ser lavada com cuidado para espantar o cheiro de mofo.

Antes de jantar, uma bênção para a comida e a casa. A entrega ao prazer de desfiar e mastigar aquela peça de costela meio se desmanchando só depois de um pai-nosso e uma ave-maria. Ao seminarista, que passaria uma semana hospedado em casa, as perguntas de sempre: há quanto tempo está estudando, sua família também é de agricultores, há quanto tempo sua ordem existe, lá no Rio Grande é todo mundo muito católico mesmo, sua mãe deve estar muito orgulhosa, eu sonhava em ir para o convento mas acabei casando e Deus não me deu nenhum filho homem para ver ser ordenado. A moça, quieta e de cabeça baixa, arava com o garfo o

arroz do prato, semeando um ou outro grão de feijão e torcendo para que a conversa não virasse para o lado dela. Mas essa aqui, apesar de não querer saber de convento, sempre foi muito participativa: deu catequese durante vários anos e canta os salmos como ninguém, você precisa ver! O noviço concordou – a juventude é que precisa ser missionária, para que o futuro da Igreja esteja em boas mãos –, disse que sua irmã também cantava os salmos lá na cidade natal e não tirou os olhos da franja um pouco despenteada dela. O olhar levantou e cruzou com o dele – baixou de novo. Levantou para pegar mais água e trazer um pouco do vinho que o pai comprara especialmente para a ocasião. Uns goles apenas, recomendou o seminarista, porque não queria fazer desfeita mas não bebia muito, mesmo o vinho. Não fez cerimônia pra comer pudim, no entanto. Repetiu a tigela e colocou um pouco mais de pêssego em calda, alegando ser a coisa que mais o lembrava da madrinha que havia se mudado para o norte do Paraná.

Louça lavada, terminava a novela, a mãe disse que ia se recolher porque ainda precisava rezar uma novena, não falhava uma semana desde que o pai começou a ficar ruim do joelho e correr com médico e exames. O pai, sem vontade alguma de comentar seu caso clínico, desconversou e foi indo pro lado do quarto. Acomodada a visita, foram todos dormir. Uns quarenta e cinco minutos depois – tempo calculado suficiente para o

terço da misericórdia e/ou para ficar com sono durante a reza –, a porta do quarto da moça abriu e fechou silenciosamente. Algo deitou-se ao seu lado na estreita cama de solteiro, um pouco apoiado no chão, um pouco empurrando-a para o lado da parede. A mão, mais fria e suada do que hesitante, que encontrou a sua levou-a direto para encostar num lugar quente e firme. Logo não precisou mais conduzi-la: a moça já procurava reconhecer as redondezas, demorar-se em movimentos pulsantes, encher a mão com vontade, sentir pele preenchendo o espaço entre os dedos.

Cria em algo que acontecia mesmo que não conseguisse entender direito.

Sabia que tinha dentro dela o que precisava para consumir aquele tipo de oferenda. E em movimentos lentos e calculados, e em adoração e veneração,

Afastaram-se lábios e passearam dedos leves e cheios de destreza.

Hóstias à boca, cálices à mão, fé e olhos fechados, que fosse feita a sua vontade. Movimentos intermitentes, mais corpo do que alma,

Não haveria espírito santo dentro de ninguém e o fogo escorreria por fora,

Por coxas, pelo ventre,

E por entre os dedos, mole e viscoso.

Depois, viria o silêncio. Não havia fruto do conhecimento.

E não haveria confissão, porque este não era um pecado.

Não era nada.

# América, um bordel paraguaio

Ademir Demarchi

Em *O último dia de Cabeza de Vaca*, o jornalista e escritor paranaense Fábio Campana faz uma releitura dos “Comentários” do notável explorador espanhol que, aportando na região de Florianópolis em 1541, atravessou aquele estado e também o Paraná, no planalto, passando por Araucária, depois percorrendo o Caminho de Peabiru e sendo o primeiro branco a ver a Foz do Iguaçu. Chegou depois à povoação de Assunção, no Paraguai, onde se concentravam os colonizadores espanhóis tentando se apossar de lá e de Buenos Aires por meio do povoamento.

Assunção, nessa paráfrase, é definida por Campana como um “bordel”, palavra que bem explicita o que os colonizadores europeus, padres inclusive, fizeram da América, criando haréns particulares com as índias e índios, tornados seus escravos através da força das armas, dos presentes estranhos que traziam e de uma lábria ideológica enfatizada pela condição alienígena com que se transpareciam àqueles antigos habitantes do continente. Um alemão que compunha a expedição dizia ironicamente que a mansidão dos guaranis, suas terras férteis e suas mulheres, fizeram da conquista uma empresa agradável.

A ficção de Campana é agônica, marcada por forte sentimento moral, num “atormentado relato pessoal do religioso que acompanhou Cabeza de

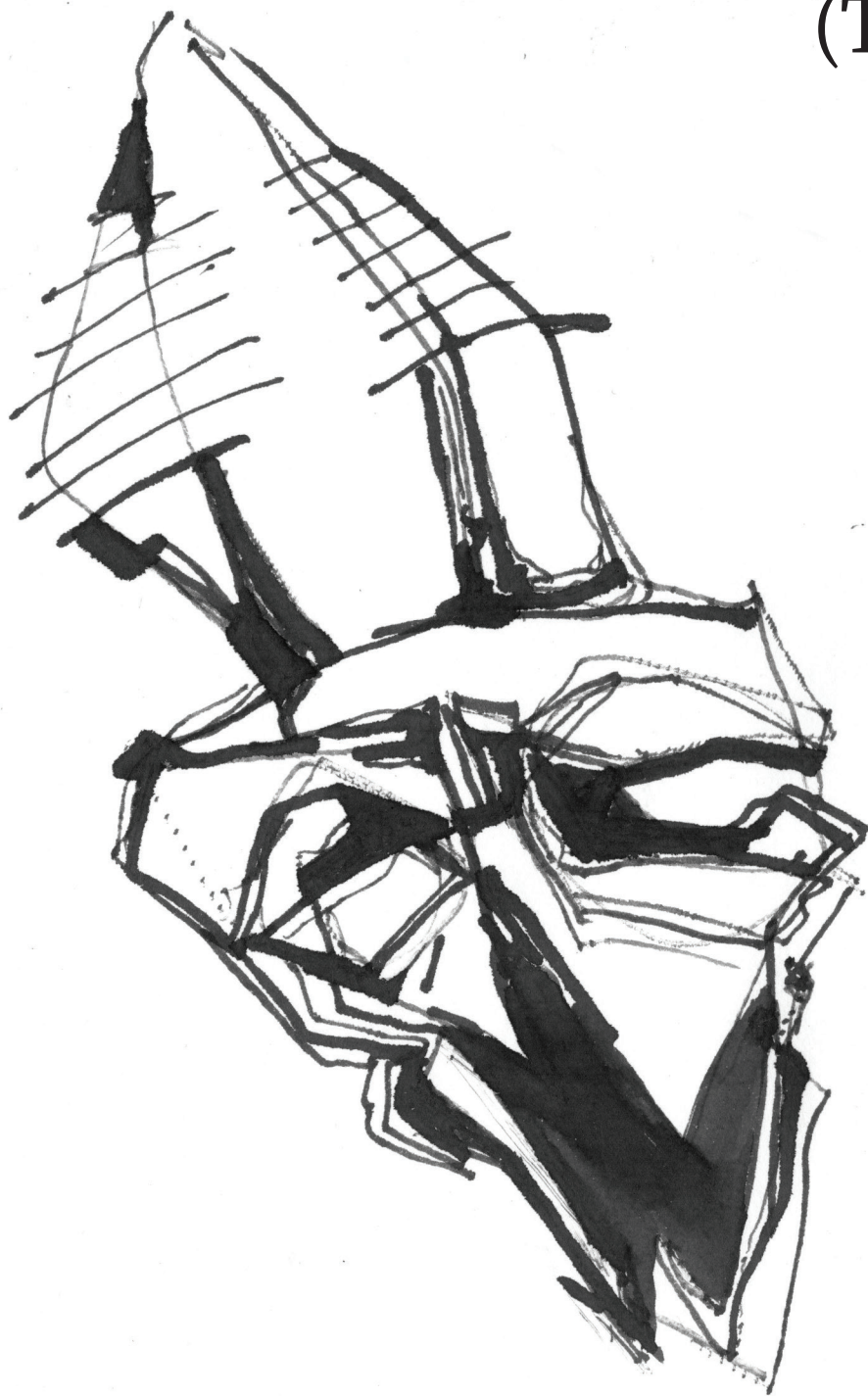
Vaca em seus últimos dias”, focado no que poderia ter sido o último dia da vida de Cabeza de Vaca – tomado de delírios, o que permite ao escritor fazer uma síntese dramática do que foi a vida dos espanhóis no Paraguai, sobretudo a de Vaca, cujo “Comentários”, assim como esse livro de Campana, são os registros de uma imensa derrota. Vaca, agindo como emissário da Coroa espanhola, imaginou apossar-se de grandiosos reinos de ouro, porém, por seu caminho encontrou apenas morte, miséria, destruição material, física e moral, num percurso que se finda com a descoberta de que o Eldorado que buscava, personificado no Império Inca, já havia sido possuído por outros espanhóis, liderados por Pizarro, que lá chegaram pelo outro lado do continente, antes dele.

O fim dessa vida imaginada é, assim, tomado de desilusões e julgamentos morais: a América, de paraíso dos trópicos, acaba como terra de enganos, predada com voracidade para alimentar a máquina da guerra: “Onde o paraíso dos trópicos, a floresta luxuriante, os animais estranhos e os nativos gentis?” – “Ai, Espanha, tantos crimes, tantos vícios”. Vaca termina condenado pela Coroa e pobre. Campana compara a vida de Vaca com a do príncipe Segismundo, preso num cárcere barroco, personagem de Calderón de La Barca: “A vida é um sonho”.

# Para Fugir dos Vivos

(Trecho, Editora Patuá, 2015)

ELTÂNIA ANDRÉ



Preciso fazer a barba, há dias preciso de um rosto novo.

Se não enfrentar agora esta navalha tatuada com meu nome, se não torná-la inofensiva, eu aceitarei essa culpa. Não compreendo, mas respeito os que escolhem morrer. Creio que com os anos a sua existência doía no corpo, essa hipermatéria da melancolia.

O passado me absorve: o encontro ocorreu por uma fração de segundo, mas parece-me maior, dilatado.... Ia colocar o copo na pia da cozinha, Ela veio em direção à sala, os dois distraídos. Não pudemos evitar, trombamo-nos. Nossos olhos aprisionaram-se sem escape, assustados. Vi as primeiras rugas que instalavam-se ao redor daqueles olhos, amêndoas – sim, seus olhos eram como duas melancólicas amêndoas perdidas no espaço. Neste entreato, na fugacidade do esbarrão, o roçar de ombros, o portal afunilando o par de almas. Meus olhos esperançosos, refletidos nesse mar revoltado. Pele com pele, arrepiadas. Deparamo-nos com a esterilidade e não havia significado ou possibilidades. Nunca houve. Ela e eu, sócias da amargura. Recupera o fel, gaguejando frases autônomas, presta atenção, moleque, veja por onde anda, me deixe terminar meu serviço. Ela se alimentava dos dias cinzentos, convite extensivo aos seus. Patética convivência,

ensimesmando dores. De seu mundo secreto e incurável, eu nada sabia, nele não entrava, e agora jamais saberei – somente a navalha antes de fincar na carne enrugada do pulso deve ter recolhido uma lasca de seus segredos. Convulsiono-me no que poderia ter sido – é nesta areia movediça que agonizo, o desejo que não arreda, não dá trégua. Agora o tempo parece não ter passado – ontem e hoje num carrossel sem fim. De mãos entrelaçadas nunca caminhamos, sempre sonâmbulos executando tarefas práticas e banais, rotina hipnótica que rouba nossos sonhos e dilacera o calendário, dias jogados no vácuo e o futuro trancafiado no passado.

Em algum lugar distante, o uivo de um cão, delatando as dores do mundo, pródromo do meu espanto.

Os ombros roçaram-se, constringidos. Desculpe, meu filho, não te vi, era o que eu queria ter ouvido, mas sem sem semsemnununcanununcanunca. A rosa dos ventos oferece as direções possíveis – norte-sul, leste-oeste; e nós a distância necessária. O encontro na porta da cozinha ganha a dimensão do incômodo. Suas mãos desamparadas pela sua incapacidade de afeto (nossa incapacidade?) mergulham no balde de água fria, disfarçando o desconforto e o tremor. Toalhas de molho dentro do balde com água sanitária a esperam; há muito o que fazer, melhor não sentir, melhor silenciar.